

Orlando Caetano: ele deixou saudades.

ORLANDO CAETANO: ele deixou saudades
Antonio Augusto Machado de Campos
Editor da Revista da Faculdade

Estas homenagens acadêmicas não são única e exclusivamente visadas ao passado. Recordam as gerações de jovens que tiveram ideal e se fatigaram por realizá-lo. Entre eles, Orlando Caetano também foi moço quando ingressou aqui nesta escola para trabalhar, amou a Academia e vivenciou atos e fatos que construíram a história da Faculdade de Direito.

Quando o conheci – No ano de 1967 freqüentava eu o Curso Tolosa Vestibulares de Direito instalado na Ladeira da Memória, quando num dia do mês de julho daquele ano resolvi visitar nossa escola. Tinha paixão pela Faculdade mesmo antes de ser devidamente aprovado para freqüentá-la. De repente uma chuva de inverno me fez ficar andando pelos corredores, resolvendo por acaso entrar no Departamento de Direito Civil. Nem sei porque aquele departamento, pois mais tarde verificara que não gostava nada das matérias de Civil. Fui apaixonado e ainda sou pelo Direito Penal! Foi exatamente naquele departamento que conheci pela primeira vez o Senhor Orlando Caetano. Recolheu ele o material que portava e logo como amigo disse-me: “Que tempo feio!”. O tempo lá fora era, de fato, péssimo com ventos fortes e chuvas de destruição mas ali tudo estava de um calor agradável. Seu Orlando percebeu que eu não era aluno da Casa e educadamente recomendou-me a biblioteca central para que eu pudesse estudar. Mas como refutei que o que queria mesmo era ficar ali na Faculdade, ele riu. E repentinamente foi falando da Faculdade. Que os alunos dali estavam pleiteando uma reforma universitária, que o novo diretor seria um professor da cadeira de Economia Política, doutor José Pinto Antunes. E horas se foram de conversa interrompidas para atender os alunos. Orlando não era o bibliotecário do departamento, apenas o guarda-livros que por eles tinha um total carinho. O tempo passou fui classificado no vestibular em 1968, pertencendo pela primeira e única vez na história das Arcadas à turma do período vespertino. Ano da tomada dos alunos que reivindicavam uma reforma urgente escolar dado o caque-tismo com que vinham enfrentando os currículos das matérias lecionadas.

A convivência – Em 1969 meu pai morreu de enfarte com 49 anos de idade. Estava desolado: era meu melhor amigo. Orlando Caetano ao encontrar-me pelos corredores da Faculdade pressentiu o abatimento no rosto e veio a mim espontaneamente. Falou da vida, da força que temos de viver, dos que ficam e da morte. Para ele, antes de tudo era a eterna procura da felicidade que nos deve incentivar a viver. Rir é bom dizia ele. Ria sempre, mesmo que no fundo esteja triste. Era uma filosofia de vida. Simpática até, pois lembrando no que ele dizia consigo transpor obstáculos que a vida nos oferece. Um comportamento que se todos tivessem melhoraria e muito os ânimos de relacionamento entre os homens.

Em 1973 fui nomeado, a convite do diretor professor José Pinto Antunes, funcionário da Faculdade. Quase sempre dava uma parada no meu trabalho para ir à sala de Orlando Caetano. Naquela época ele operava na xerox instalada no segundo andar. A sala do Senhor Orlando, carinhosamente chamado de Tarzan por todos pelo porte alto e forte, era repleta de canários. Mas muitos canários que executavam a **Sinfonia do Tarzan** como dizia a todos e logo pegou entre alunos, professores e funcionários.

No final da carreira – Seu Orlando nasceu no dia 1º de maio de 1930. No Dia do Trabalhador e honrou a data de seu nascimento, pois trabalhava e ajudava a muita gente na Faculdade. Até chegava a dormir nela quando tinha as sessões prolongadas de Congresso. Como não podia mais andar com facilidade dada a obesidade, preferia ficar na própria escola e esperar o outro dia do expediente a ter de tomar ônibus. Foram 33 anos aqui na nossa escola. E no final da carreira teve um período péssimo. Havia extinto a sua sala, fazendo-o a se desfazer de todos os seus pássaros e aquário que possuía. Já andava triste e cabia a mim e aos colegas que o queriam bem a animá-lo e relembrar que, agora, era preciso mais do que nunca sempre sorrir, mesmo que no fundo ele estivesse triste. Nas suas férias retiraram todos os pertences particulares que possuía da sala da xerox e como havia sido designado a atender junto a mim a Secretaria da Revista, recolhi tudo que era seu e as coloquei em caixas fechadas. Duas semanas depois em pleno gozo de férias ele se aposentou pelos 35 anos de trabalho. As caixas continuavam guardadas na sala da Revista e por isso ele veio numa manhã de dezembro buscá-las. De branco impecável, calças, camisa, meias e sapato, combinando com os abundantes cabelos também brancos ele apareceu sorridente com amigos que o ajudaram a carregar as suas caixas. Num abraço apertado e demorado desejou-me um Feliz Natal e Ano Novo. Prometeu-me um canário de presente. Há anos ele me prometera esse canário. Nunca me ofertou! E saiu. Nunca mais eu o vi, pois não tive coragem de visitá-lo no hospital, quando ele adoeceu. Senti muito a morte dele. E hoje trabalho, por destino, na sala que ele alimentava as dezenas de canários e ouvia Brahms ou Chopin na pequena vitrola. Pelo menos ele ficou no coração de alunos e professores, colegas e amigos. Homenageado várias vezes pelas turmas de bacharelados da Faculdade, Orlando Tarzan Caetano antes de tudo era humano,

sensível, com defeitos como todos nós temos, mas incrivelmente gente de coração e alma. Nunca mais o esqueceremos, principalmente pelo amor que ele tinha pelas Arcadas. E quantas histórias ele levou consigo sobre as velhas amizades e alegrias da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

Relembrando Orlando Caetano

Maria Thereza Fusco Azzi
Subchefe Biblioteca Central

Ao receber o convite para escrever algumas linhas sobre o Senhor Orlando Caetano fiquei assustada, mas logo me refiz e senti como é fácil relembrar alguém como ele.

Figura bonita com sua vasta cabeleira grisalha, os olhos azuis e aquela alegria contagiante que não o largava mesmo nos dias de maior turbulência nas Arcadas. Trabalhei coincidentemente com o Senhor Orlando logo quando entrei para a Faculdade, em 1970.

Naquela época ele operava na seção da xerox e foi quando o conheci melhor. Senti muito seus conflitos e até aprendi a admirar o seu jeito displicente de levar a vida. Sabedora, e talvez confidente, de uma das suas maiores frustrações, de querer ser bibliotecário, sempre me perguntava: por que não? Cuidava ele tão bem dos livros do Departamento de Direito Civil.

A seu ver, o que faltava realmente era a boa vontade dos dirigentes da Casa. Este raciocínio, simples e infantil, era a do Senhor Orlando Caetano.

Em qualquer lugar que trabalhasse, enchia de calor humano com o aquário cheio de peixes, além dos pássaros, e aquele sorriso franco.

Orlando Caetano, o Tarzan, foi sem dúvida alguma uma figura controversa, mas antes de mais nada e acima de tudo GENTE!

... Era uma pessoa extremamente bondosa, caseiro e enchia a casa da gente de alegria, porque meu tio Orlando vivia sempre rindo e falando alto. Ele gostava muito de pássaros, peixes que colecionava de todas as espécies, música clássica e da vida. Amava a Faculdade de Direito como se fosse a sua própria casa e até chegava a dormir no trabalho quando Congressos se reuniam e precisavam de seus serviços. Ele era uma pedra no sapato de muita gente da Faculdade por acharem que ele confundia a Casa como se fosse a sua casa. Mas era questão de compreensão! **Anna Maria Gonçalves**, sobrinha de Orlando Caetano.